

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
A FORMAÇÃO DE PROFESSORES
PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA:
DESAFIOS DA CONTEMPORANEIDADE

Flávia Maria Faria Baptista da Cunha (UVA)
letras@uva.br

Luíza Alves Ferreira Portes (UVA)

Luzia Cristina Nogueira de Araújo (UVA)

RESUMO

O presente artigo tem como premissa básica levantar alguns temas relevantes e fundamentais que estão relacionados à formação do profissional que ministra a disciplina de língua portuguesa para o ensino fundamental. Destaca-se o processo inicial da alfabetização, base, pois é nessa fase que o aluno constrói, através da leitura e da escrita, a sua concepção crítica de mundo. Nesse sentido, compreende-se que o ato de ler é fundamental não apenas para a formação acadêmica do aluno, mas também para a formação do cidadão. Portanto, a partir da análise das estruturas curriculares utilizadas universidades, públicas e privadas, do município do Rio de Janeiro, e, das concepções de aprendizagem mais recentes, considera-se nesse artigo, que há uma dissociação entre as mudanças provocadas pelo acelerado avanço das tecnologias na sociedade contemporânea, entendendo a escola como um espaço integrador de mídias, e as concepções epistemológicas do desenvolvimento cognitivo que embasam a formação dos professores que ministram a disciplina de língua portuguesa ao longo dos nove anos do ensino fundamental.

Palavras-chave: Sociedade contemporânea. Formação do professor.
Língua portuguesa. Tecnologia educacional

1. Introdução

Historicamente, a problemática da aprendizagem da língua portuguesa tem sido colocada como uma questão de método. Para tal, professores, responsáveis e comprometidos com a ação educativa centram sua preocupação e atenção na busca do “melhor” ou do mais “eficaz” método para a questão. Assim sendo, tentam desenvolver uma ação didático-pedagógica que possa contemplar às diferentes concepções da aprendizagem.

É preciso destacar, que nos últimos anos, houve um aumento significativo de debates, encontros e seminários sobre a educação em vários países do mundo, deixando claro que a mudança é realmente necessária para se adaptar a realidade educacional aos novos tempos. Nomes como Jean Piaget, Lev Semenovitch Vygotsky, Freire e, mais recentemente,

Edgar Morin e Pierre Levy, Manuel Castells, Gardner e George Siemens e Stephen Downes ganham cada vez mais destaque no meio acadêmico.

Analisando-se a contribuição desses autores para entender como a aprendizagem se processa, infere-se que a aprendizagem compreende um processo contínuo, necessitando de metodologias adequadas e diversificadas. Os alunos precisam aprender a investigar, dominar as diferentes formas de acesso à informação, desenvolver a capacidade crítica de avaliar, reunir e organizar as informações, a fim de que a verdadeira aprendizagem aconteça.

Assim, a metodologia não poderá estar calcada meramente na transmissão de conteúdos e informações, embora a informação seja fundamental. Ela deverá ir muito além, pois a emancipação, pessoal e social, requer muito mais do que isso; ela exige a capacidade de construir e reconstruir conhecimentos, ou seja, ela tem o compromisso com o desenvolvimento da autonomia do estudante.

O papel do professor é o de garantir a manutenção de um diálogo permanente e, de acordo com o que acontece em cada momento, deve propor situações-problema, desafios, desencadear reflexões, estabelecer conexões entre o conhecimento adquirido e os novos conceitos, entre o ocorrido e o pretendido. Além do que, com a utilização das tecnologias da informação, o conhecimento é cada vez mais adquirido coletivamente por meio da informática e das telecomunicações.

2. Correntes teóricas do desenvolvimento humano

Com o objetivo de se ter uma melhor compreensão sobre a relação do desenvolvimento cognitivo e a aprendizagem, e do desafio que a realidade descrita impõe para a formação de professores, em particular para os alfabetizadores, é necessário que examinemos as teorias de aprendizagem e suas implicações.

Terry Anderson e Jon Dron (2011) nos seus estudos sobre as gerações da Pedagogia aborda a evolução das teorias de aprendizagem e analisa as três gerações da educação que não são excludentes porque estão presentes ainda hoje tanto na educação presencial como na educação a distância. Segundo o autor, o *behaviorismo*, *construtivismo* e o *sociointeracionismo* revelam concepções diferentes para explicar as dimensões biológicas, culturais e afetivas do ser humano, assim como a forma pela qual o homem aprende e se desenvolve.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Acrescente-se a essas teorias a pedagogia cognitivista de George Siemens e Stephen Downes, argumentando que a aprendizagem é o processo de construir redes de informação, contatos, recursos que são aplicados a problemas reais devido às novas formas de aprendizagem diante do fluxo de informações das conexões com as pessoas, ou através das mídias sociais, redes de relacionamentos.

2.1. Behaviorismo

A aprendizagem é pensada como um modelo individual. O que mais definiu a geração cognitivo-behaviorista na educação foi uma ausência total da presença social, a aprendizagem era pensada como um processo individual, ou seja, “furtam-se em lidar com toda a riqueza e complexidade dos seres humanos 'aprendendo a ser', em oposição a 'aprendendo escrevendo' de forma repetitiva os fatos/fenômenos praticamente sem explicar suas causas/origens". Baseia sua eficiência de aprendizado no sistema prêmio/castigo, como explicam as teses de Ivan P. Pavlov para o treinamento de animais domésticos, predominante no ensino de primeiro grau até a década de 1950. Note-se que é uma abordagem que dispensa a componente de pesquisa/busca de conhecimento, já que o conhecimento se limita àquele que é portado pelo professor. É uma abordagem obviamente limitada e que ainda permeia nosso atual sistema educacional, desde os anos iniciais.

Também chamada de behaviorista ou ambientalista, tem sua inspiração na filosofia positivista de base empirista. Postula que a constituição das características humanas é de responsabilidade exclusivamente do ambiente e destaca a experiência social como fonte exclusiva de conhecimento e de formação de hábitos de comportamento. Sendo assim, as características individuais são determinadas por fatores externos ao indivíduo; nesta concepção, portanto, através das relações que o indivíduo estabelece socialmente, desenvolvimento e aprendizagem ocorrem simultaneamente.

Os principais representantes do behaviorismo, ainda difundido em nossas escolas, são Ivan P. Pavlov e Burrhus Frederic Skinner. Como podemos ver a seguir, assim podem ser descritos:

Ivan P. Pavlov (1849-1936) foi o precursor do comportamentalismo, em cujo laboratório de fisiologia estudou a salivação de cães conseguindo elaborar, assim, uma teoria de aprendizagem baseada em estí-

mulos condicionados e respostas condicionadas. Como exemplo, podemos citar: se o cão ficar com fome por muito tempo, ele irá salivar diante de um alimento que lhe seja apresentado; ou, simplesmente, diante da pessoa que costuma alimentá-lo; ou até mesmo ao ouvir os seus passos.

Segundo Flávia Maria Faria Baptista da Cunha:

O que Pavlov quis mostrar é que tudo que aprendemos deve ser explicado pelo modo como estímulos ambientais e internos - do sistema nervoso, mesmo - são dispostos para produzir respostas. Esse modelo de aprendizagem chama-se condicionamento e pode ser observado com facilidade em nosso dia a dia. De modo semelhante ao cão de Pavlov, também salivamos ao ver os pratos sobre a mesa, mesmo antes de servida a refeição, o que significa termos passado por um processo de condicionamento. (CUNHA, 2002, p. 5)

Outro principal defensor e o mais dedicado a analisar esta abordagem, especificamente na educação escolar, foi Burrhus Frederic Skinner²⁰, com a sua teoria do condicionamento operante. Nela, o autor defende que a aprendizagem é uma associação entre estímulos e respostas (E-R) e respostas-estímulo (R-E) – associação que ocorre devido aos reforços e punições. A essa sequência de eventos, Burrhus Frederic Skinner chamou de *contingências do reforço*. Para o autor, existem dois tipos de reforços: o positivo e o negativo. O reforço positivo ocorre quando o estímulo associado à situação aumenta a probabilidade de ocorrência de resposta. E o reforço negativo se dá quando o estímulo é retirado da situação, no entanto, aumenta a ocorrência de resposta, devido à experiência reforçadora na qual ocorreu o estímulo.

O que se defende, então, é que o meio não estimula unicamente o comportamento, mas, também, que contribui para a seleção dos comportamentos através da análise das consequências. O comportamento é fundamentalmente regulado pelos resultados das nossas ações e são esses resultados que ocupam um lugar privilegiado na aprendizagem.

Nas palavras de Burrhus Frederic Skinner:

Se vamos usar os métodos da ciência no campo dos assuntos humanos, devemos pressupor que o comportamento é ordenado e determinado. Devemos esperar descobrir que o que o homem faz é o resultado de condições que podem ser especificadas e que, uma vez determinadas, podemos anteciper e até certo ponto determinar as ações. (SKINNER, in MIZUKAMI, 1986, p. 22)

As *teorias comportamentalistas* são, portanto, defensoras da concepção de que a aprendizagem se centra apenas nos comportamentos ob-

²⁰ Psicólogo norte-americano, nascido em 1904, morreu em 1990.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

jetivamente observáveis, negligenciando as atividades mentais – “o exercício das operações mentais está na estrita dependência do estímulo” (BECKER, 2001, p. 264). O comportamento, então, pode ser modificado através da seleção prévia de experiência e da manipulação do meio.

A aprendizagem é, simplesmente, definida como a aquisição de um novo comportamento garantido por uma programação de experiências curriculares, as quais definem previamente o produto desejado, ou seja, a experiência planejada é a base do conhecimento.

O impacto dessa abordagem na educação pode ser constatado nos programas realizados com a finalidade de estimular e intervir no desenvolvimento das crianças das classes populares que, dentro de uma postura assistencialista e compensatória, suprem as “carências sociais” dos indivíduos. Neste contexto, fica subentendida a ideia de que cabe à escola não somente formar e transformar o indivíduo, mas também se incumbir de corrigir os problemas sociais.

Diante deste contexto, os procedimentos didáticos e os conteúdos não precisam ter nenhuma relação com o cotidiano do aluno e, muito menos, com as realidades sociais. Na prática pedagógica, que supervaloriza a “cultura geral” (a que se estabeleceu e que deve ser transmitida hegemonicamente), cabe ao educando, devido à sua imaturidade e inexperiência, apenas ouvir passivamente e executar prescrições que lhes são fixadas por autoridades externas.

Como garantia para apreensão do conhecimento, a prática pedagógica comportamentalista, valoriza o trabalho individual, a concentração, o esforço pessoal e a disciplina. Já em relação às trocas de informações, as dúvidas e a comunicação entre os alunos, em sala de aula, são vistas como falta de respeito, bagunça, dispersão, indisciplina e “conversas paralelas”. Portanto, privilegia-se a interação adulto-criança, que é vista como modelo perfeito que deve ensiná-la a moldar seu caráter, comportamento e conhecimento.

Deste modo, o ensino será centrado no professor que, com o objetivo de alcançar a eficiência no ensino e na aprendizagem, deverá ser rigoroso e exigente na tarefa de direcionar, punir, treinar, vigiar, organizar conteúdos e recursos de ensino. Diante do exposto, fica claro o valor determinante da educação formal na modificação do sujeito, que deverá prepará-lo para enfrentar as supostas “carências” decorrentes de um meio social não alinhado à cultura científica.

É fato que o behaviorismo está presente na maioria da educação como teoria da aprendizagem, demonstrando o quanto temos que avançar para que a mediação pedagógica se faça presente no processo de aprendizagem de forma significativa. O ensino tradicional, onde os alunos são meros reprodutores de conteúdos não possibilita que os alunos inovem, construam conhecimentos, pesquisem, sejam desafiados, dialoguem, trabalhem grupo, compartilhem conhecimentos, porque não lhes é dada essa oportunidade. Nessa perspectiva, o professor é o detentor do conhecimento e não mediador da aprendizagem.

2.2. Construtivismo

Construtivismo é o nome pelo qual se tornou conhecida a concepção teórica formulada pelo psicólogo suíço Jean Piaget (1896–1980), empenhada em explicar como a inteligência humana se desenvolve e como se dá a construção do conhecimento desde o nascimento do indivíduo.

Jean Piaget (2003) estabeleceu as bases da teoria, a qual chamou de epistemologia genética, que é o estudo da gênese e o desenvolvimento das estruturas lógicas do sujeito em interação com o objeto de aprendizagem, ou seja, o estudo do processo de construção dos conhecimentos a qual defende que a aprendizagem se trata de um processo de construção contínua ou de uma construção indefinida, quando se refere à elaboração de conhecimentos no espírito humano. Para o autor, o conhecimento, em qualquer nível, é gerado através de uma interação do sujeito com seu meio (objeto), a partir de estruturas previamente existentes no indivíduo.

Assim sendo, a aquisição de conhecimentos depende tanto de certas estruturas cognitivas, inerentes ao próprio sujeito, como de sua relação com o objeto, não priorizando ou prescindindo de nenhuma delas. Isso porque a epistemologia genética tem como objetivo explicar, não o sujeito em si mesmo, mas sim, as etapas de sua formação. Para Jean Piaget, a aprendizagem é subordinada ao desenvolvimento cognitivo, que passa por sucessivos estágios de acordo com as diferentes fases do indivíduo, onde as operações mentais ressaltam a atividade do sujeito predominando, em cada estágio, respectivamente, a atividade motora, a perceptiva e a atividade mental, acrescentando-se, ainda, a atividade verbal.

Nessa abordagem, o aluno participa ativamente da aprendizagem porque trata-se de um processo de construção contínua do conhecimento.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Ele concebeu um modelo teórico que se apoia fundamentalmente sobre a compreensão do desenvolvimento humano, inscrevendo-o na perspectiva de uma construção da realidade, em vez de sua simples transposição cognitiva na memória. Ou seja, ensinar não é apenas fazer com que os alunos adquiram pré-requisitos na memória, acumulando passivamente as informações; é desafiá-los a buscar a sua própria autonomia no processo de aprendizagem, proporcionando-lhes atividades de reflexão, de investigação, de reconstrução e construção do conhecimento de forma ativa.

2.3. Sociointeracionismo

Esta concepção pode ser considerada radicalmente diferente, pois defende uma outra forma de se compreender a origem e a evolução do psiquismo humano e, como consequência, um modo diferenciado de se entender o processo de aprendizagem.

Inspirado nos princípios do materialismo dialético de Karl Max (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895), Lev Semenovitch Vygotsky considera o desenvolvimento da estrutura humana, que é muito complexa, como um processo da apropriação da experiência histórica e cultural. Para o autor, desde o nascimento da criança, o aprendizado está relacionado ao desenvolvimento, e, é "... um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas" (VYGOTSKY, *apud* OLIVEIRA, 1995, p. 56). Afirma, ainda que o desenvolvimento do indivíduo, em parte é definido pelo processo de maturação do organismo, que é inerente a espécie humana. No entanto, é o aprendizado que desperta os processos internos de desenvolvimento. Portanto, o aprendizado segue um percurso externo para o interno, do social para o individual. Já que o ser humano cresce num ambiente social, a interação com outras pessoas é fundamental para o seu desenvolvimento

Segundo Lev Semenovitch Vygotsky (1993), a interação social é a origem e o motor da aprendizagem e do desenvolvimento intelectual. Este autor considera que a aprendizagem ocorre em uma zona que ele denomina zona de desenvolvimento proximal, que, tanto quanto o nível real, deve ser considerado na prática pedagógica.

Lev Semenovitch Vygotsky tinha como objetivo trabalhar com o meio cultural e as relações entre indivíduos no desenvolvimento do ser humano, defendendo a ideia de reconstrução e de reelaboração por parte

do indivíduo, dos significados que lhe são transmitidos pelo grupo cultural. Quando alguém não consegue realizar sozinho determinada tarefa, mas o faz com a ajuda de outros parceiros mais experientes, revela o seu nível de desenvolvimento proximal, que já contém aspectos e partes mais ou menos desenvolvidas de instituições, noções e conceitos.

2.4. Conectivismo

Embora ainda não constitua uma teoria da aprendizagem, vem ganhando espaço no meio acadêmico como uma nova forma de estabelecer a interação social, fundamental para a aprendizagem. É uma tendência que cada vez mais vem se destacando porque, segundo George Siemens e Stephen Downes, as teorias existentes não dão mais conta para compreender as características do estudante do século XXI, tendo em vista que a sociedade hoje está organizada em rede, como previu Manuel Castells e Pierre Lévy.

Para romper com o paradigma de uma aprendizagem formal e estática, surgem em 2004 dois autores canadenses, George Siemens, professor e diretor do Centro de Tecnologia da Aprendizagem da Universidade de Manitoba (Canadá) e Stephen Downes, pesquisador do *National Research Council of Canada*, que tem se destacado no âmbito dessa discussão. George Siemens desenvolveu e formulou uma nova teoria de aprendizagem, na qual postulou como *Conectivismo: Uma teoria de aprendizagem para a idade digital*. Segundo o autor, as teorias de aprendizagens existentes no atual momento (behaviorismo, cognitivismo e construtivismo) não são o suficiente para compreender as características dos indivíduos do Século XXI, bem como não são capazes de dar conta das modificações trazidas pela tecnologia e de uma nova sociedade multifacetada, organizada em redes de conhecimentos.

2.4.1. O que seria o conectivismo?

Para George Siemens “o conectivismo é essencialmente a asserção de que o conhecimento é enredado e distribuído, e que o ato de aprender é a criação de navegação em redes” (SIEMENS, 2008). Acrescente-se que o conectivismo foi desenvolvido na era da informação de uma era em rede. (CASTELLS, 1996)

Afirma também Stephen Downes que:

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

A teoria do conhecimento e a aprendizagem podem ser descritos e explicados usando princípios de redes, sendo que o ato de aprender é equivalente ao desenvolvimento de uma certa configuração neural e o conhecimento um processo de reconhecimento de padrões; de construção de significado pelo estabelecimento de conexões. (DOWNES, 2005)

Como vimos, na perspectiva dos autores o aprendizado se dá através de conexões feitas pelos alunos a partir de experiências vividas por eles utilizando-se de ferramentas como a Internet e os meios de comunicação. Os alunos seriam nós de uma rede de informações e o aprendizado é adquirido através do compartilhamento dessas informações. A rede é uma estrutura dinâmica, em transformação constante. A mente humana estende-se para além dos indivíduos que se integram à rede. Conhecimento e inteligência são, nessa abordagem, propriedades do sistema.

2.4.2. Os princípios básicos de conectivismo

O conectivismo, e assim como todas as demais teorias da aprendizagem, tem como seus pilares certos princípios básicos. Segundo George Siemens²¹ há oito princípios básicos em que o conectivismo se sustenta, vejamos quais são eles:

- A aprendizagem e o conhecimento assentam na diversidade de opiniões;
- A aprendizagem é a capacidade de conectar nós especializados ou fontes de informação;
- A aprendizagem pode residir em mecanismos não humanos;
- A capacidade para conhecer mais é mais importante do que aquilo;
- Cultivar e manter conexões é necessário para facilitar a aprendizagem contínua;
- A capacidade de ver conexões entre áreas, ideias e conceitos;
- O conhecimento exato e atual é a intenção de todas as atividades de aprendizagem conectivistas;

²¹ Utilizamos como referência para apresentar os princípios básicos do Conectivismo, o artigo em inglês publicado pelo próprio autor George Siamens, que pode ser visto na íntegra acessando a página: <http://www.elearnspace.org/Articles/connectivism.htm>

- A tomada de decisão é em si um processo de aprendizagem.

2.4.3. Relação professor x aluno / objetivos do ensino

No conectivismo, o professor não é aquele que provê o conhecimento pronto para o aluno e sim um mediador. A sua principal intenção deve ser levar os alunos a um desconforto (um caos) e fazer com que os próprios alunos encontrem maneiras de desfazer os nós que são fornecidos pelo professor. Os principais objetivos do ensino conectivista são:

- Explore a maneira com a qual o conhecimento é adquirido;
- Gerar um caos para que a organização seja buscada por mais de uma mente;
- Provocar a conexão, a interação e o compartilhamento de aprendizagens entre os alunos;
- Incluir a tecnologia como parte da distribuição do conhecimento;
- Fazer com que cada pessoa contribua um pouco para que seja construído um todo;
- Levar os alunos à descoberta das respostas que eles procuram.

2.4.4. Metodologia utilizada, técnicas e recursos do ensino

A metodologia conectivista incentiva o uso da tecnologia (por exemplo: *e-boards*, *note/netbooks*, *tablets*). O uso destes materiais é necessário para a prática do Conectivismo. Os dispositivos móveis fornecidos em rede são vistos como ferramentas que ajudam a estabelecer importantes conexões. E, como a maioria das pessoas imagina, a Internet é vista como uma base de informações muito utilizada na busca de respostas que os alunos precisam encontrar.

2.4.5. Concepção de avaliação

Na perspectiva conectivista não há testes ou provas como forma de avaliação, diferente do que ocorre na perspectiva tradicional. O propósito do conectivismo é avaliar o aluno no modo como ele aprende. A uti-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

lização de recursos didáticos e tecnológicos presentes na Internet é de extrema importância para o processo de ensino-aprendizagem, pois é a partir do uso dessas ferramentas que o professor auxilia, orienta e direciona os educandos para que obtenham uma eficiente utilização delas no ambiente escolar.

Os alunos aprendem a pesquisar em fontes confiáveis de informação, onde possam encontrar referências e deixam de lado as publicações feitas por “curiosos”. Nem sempre o primeiro *link* que surge após uma busca feita no Google é o melhor ou o correto.

3. *A formação de professores de língua portuguesa no Rio de Janeiro: uma breve análise dos currículos*

O currículo vem evoluindo ao longo da história da educação desde a raiz tradicionalista e tecnocrata proposta por Bobitt, emergindo nos princípios da administração científica de Frederick Taylor, reduzindo à educação a uma questão meramente técnica, desvinculando do currículo clássico humanista do tempo do iluminismo.

Posteriormente, o modelo educacional de Dewey, o qual foi influenciado pelo movimento progressista na construção da democracia, pretendia através das disciplinas humanistas, preparar os jovens para serem desencadeadores da transformação da sociedade vigente na época rejeitando o modelo de uma educação tecnicista e reprodutora de Bobitt.

Percebe-se dessa forma, que o currículo há muito deixou de ser um instrumento meramente técnico e passou a ser voltado para as questões sociológicas, epistemológicas culturais e políticas (GIROUX & SIMON, 1984). Com essa nova visão, considera-se o currículo um instrumento mais abrangente no âmbito das relações educacionais onde não existe lugar para a neutralidade na construção do conhecimento. Henry Giroux apresenta uma análise de caráter mais cultural alicerçada nos conceitos da Escola de Frankfurt em relação à emancipação no sujeito. Henry Giroux defende que os professores devem assumir uma relação mais democrática com os estudantes através da participação ativa destes, onde seus desejos, ambições e pensamentos devem ser considerados.

Um currículo para a formação de professores deve integrar um conjunto de práticas que possibilitem aos futuros professores desvendar os discursos educacionais articulados a uma teoria social crítica e que permita a construção das subjetividades, compatíveis com a sociedade

contemporânea. Dessa forma, revogaríamos uma prática que não mais condiz com a com uma formação de professores onde existe a predominância de interesses mediatizados simplesmente por uma técnica pedagógica atrelada aos pressupostos de uma visão educacional ultrapassada.

Assim, um currículo para a formação de professores envolve elucidar uma prática pedagógica que perceba a escola como território de contestação, como uma instância de produção cultural, tendo como recurso a utilização de uma pedagogia problematizadora.

Paralelamente a essas constatações, que trazem um enorme desafio para a formação dos educadores, e em particular para os professores que ministram a disciplina de língua portuguesa na sociedade contemporânea, o grupo de pesquisa, a partir da análise dos dados do INEP 2007 e da investigação realizada em duas escolas públicas do município do Rio de Janeiro, sentiu a necessidade da realização de uma revisão das grades curriculares dos cursos de pedagogia que estão sendo utilizadas nas instituições de ensino superior no Rio de Janeiro, no que diz respeito à formação do professor alfabetizador. Nesta revisão constatou-se que a maioria destes cursos (89% das estruturas curriculares analisadas) oferecem apenas duas disciplinas vinculadas à alfabetização. Surgiram cursos também com uma disciplina, embora ficasse obscuro se nas ementas das disciplinas curriculares houvesse alguma que discorresse a respeito.

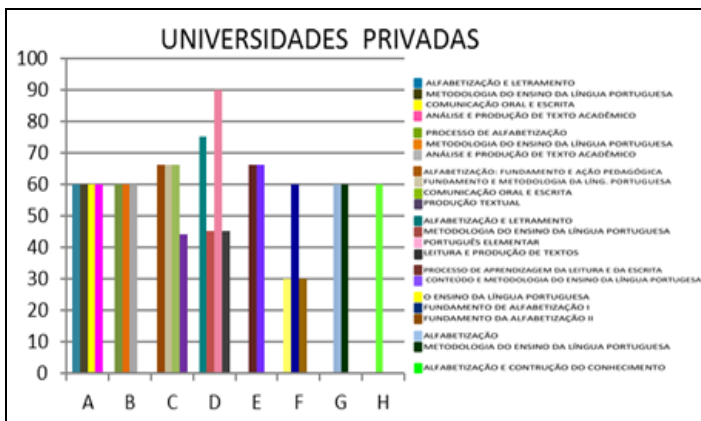
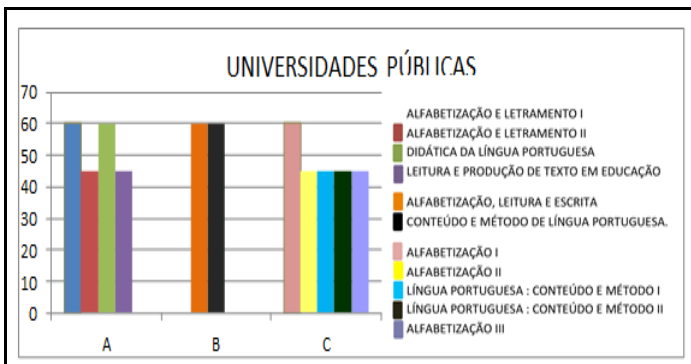
Na análise, o grupo constatou que o tempo (com variação de 90min/hora aula a 120min.hora/aula) é exíguo para dar conta dos todos os saberes relevantes ao processo de construção da língua portuguesa. Embora, nesses cursos existam disciplinas que abordem as diversas teorias da aprendizagem e da didática, essas não têm condições de dar conta dos saberes específicos dos métodos e especificidades da alfabetização e aprofundamento da língua portuguesa.

Esta observação já nos impulsiona para o questionamento de que à medida que a estrutura organizacional curricular se apresenta fragmentada nos cursos de formação, poderá dificultar a clara compreensão teórica do processo educacional como uma possibilidade de atuação eficaz no campo da prática pedagógica.

Além disso, constatou-se também que em relação à inclusão de disciplina ligada às novas tecnologias da informação, o mesmo percentual se repete.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

No estudo detalhado das 11 (onze) matrizes curriculares de diversas instituições de ensino superior, públicas e particulares, dos cursos de pedagogia, abaixo, levou a constatação de que as escolas de formação de professores precisam ser reconcebidas para preparar os futuros professores como intelectuais críticos e com conhecimentos desse novo momento em razão do novo contexto da educação.



4. A formação de professores em relação às novas tecnologias e os desafios da sociedade atual.

Os progressos tecnológicos colocaram ao alcance dos alunos e professores ferramentas inovadoras para o processo de ensino aprendizagem que se bem aplicadas podem colaborar para a construção efetiva da aprendizagem.

Um dos grandes desafios da educação do século XXI é o potencial pedagógico que as tecnologias da educação e comunicação representam. Tal perspectiva exige dos professores o preparo necessário para o exercício docente e a universidade tem no seu papel importante nessa missão como entidade produtora e transmissora de conhecimento pelo seu caráter emancipador e libertador do ser humano. A educação deve se adaptar às mudanças da sociedade atual, sem, contudo, negligenciar a construção do conhecimento decorrentes da experiência e das descobertas da humanidade.

Pesquisa sobre a representação social de professor, com base nos estudos de Serge Moscovici, em *Representação Social da Psicanálise*, demonstrou que mesmo com toda a fundamentação teórica adquirida em cursos de licenciatura, o professor no século XXI continua com práticas voltadas para a transmissão da informação.

Para João Mattar (2007), essa mudança de paradigma no cenário da educação exige mudanças radicais das instituições, são necessárias novas estruturas, novos procedimentos, novas tecnologias, novos modelos, novas culturas, novos planejamentos e novas estratégias.

As novas tecnologias estão promovendo profundas transformações nas formas de ensinar e de aprender, demandando reformulações significativas nas estruturas curriculares dos cursos de formação de professores, bem como a introdução de novas teorias de aprendizagem que estão surgindo como um novo campo de pesquisa na construção do conhecimento. É preciso oportunizar ao professor de língua portuguesa condições para dominar as tecnologias disponíveis hoje, a fim de que ele conheça o seu potencial e poder usá-las na sala de aula e desenvolver uma prática pedagógica criando situações aprendizagem que favoreçam a integração de mídias.

Cada vez mais os ambientes de aprendizagem colaborativos e a construção do conhecimento coletivo vêm se destacando na educação as salas de aula convencionais, com um modelo centrado no professor, uni-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

direcional perdem espaço para uma modelo compartilhado e altamente interativo. A preocupação com o espaço e o tempo deve ser substituída por um compromisso cada vez maior com o aprender e o ensinar, num ciclo que envolve professores e alunos na construção de uma nova concepção de conhecimento.

5. A WEB 2.0 e seu potencial pedagógico

É preciso refletir sobre o imenso potencial pedagógico que a WEB.2.0 representa como uma ferramenta inovadora. O conceito de "Web 2.0" começou com uma sessão de brainstorming entre O'Reilly conferência e Internacional MediaLive. Dale Dougherty, pioneiro da web e O'Reilly VP, observaram que a web era mais importante do que nunca, com novas aplicações e sites surgindo com surpreendente regularidade.

O que é a Web 2.0?



O termo Web 2.0 é utilizado para descrever a segunda geração da World Wide Web. É uma tendência que reforça o conceito de troca de informações e colaboração dos internautas com sites e serviços virtuais. A ideia é que o ambiente on-line se torne cada vez mais dinâmico e que os usuários colaborem para a organização de conteúdo, bem diferente da Web 1.0 que é um site de busca de informações.

Tim O'Reilly (2005), num artigo sobre a Web 2.0, propõe palavras-chave que caracterizam a Web 1.0 e a Web 2.0 fazendo uma comparação evolutiva entre esses dois conceitos, representada na tabela abaixo:

Web 1.0		Web 2.0
DoubleClick	->	Google AdSense
Ofoto	->	Flickr
Akamai	->	BitTorrent
mp3.com	->	Napster
Britannica Online	->	Wikipedia

sites pessoais	->	Blogs
Evite	->	upcoming.org e EVDB
especulação nome de domínio	->	otimização de motor de busca
visualizações de página	->	custo por clique
screen scraping	->	serviços web

Tabela 1 - Da Web 1.0 à Web 2.0 (O'Reilly, 2005)

A interatividade é uma característica marcante dessa segunda geração. A interatividade e o compartilhamento de ideias, saberes, opiniões, propicia a criação de redes de conexões. A contribuição da Web 2.0 nos sistemas educacionais configura a construção coletiva do conhecimento, fruto do conhecimento individual. Os recursos da Web.2.0 permitem que qualquer usuário trabalhe com o mesmo material e com vários usuários simultaneamente, em qualquer lugar do mundo.

A interatividade ampla e simultânea rompe com os paradigmas e abordagens localizadas, colocando os sujeitos em condições de interagir amplamente, interdisciplinarmente, com a dimensão contextual e social. A utilização de base de dados, redes de computadores, Internet e intranet vêm revolucionando os sistemas corporativos, subvertendo os vínculos sociais e profissionais estabelecidos.

O número de sites e serviços que exploram esta tendência vem crescendo e ganhando cada vez mais adeptos. Portanto, as mudanças promovidas pelas tecnologias da informação e comunicação (TIC), incluindo-se nela a *Web 2.0* e a *Web Semântica*, possibilitaram a abertura de uma nova forma de interatividade, mais dinâmica e direta entre o estudante e a informação que está sendo disponibilizada.

No entender de Carlos Valente e João Mattar (2007), é significativo o impacto da Web 2.0 na sociedade porque os usuários podem comemorar a facilidade de usar todo o potencial de colaboração na Internet como uma grande alavanca de apoio aos trabalhos profissionais, acadêmicos e pessoais.

Há um conceito de Pierre Lévy (2001) sobre a inteligência coletiva em que ele ressalta: "*Ninguém sabe tudo, todos sabem alguma coisa, todo o saber está na humanidade*". Da mesma forma, Edgar Morin (2005) vem, há alguns anos, aprimorando a chamada teoria da complexidade e faz uma crítica ao ensino fragmentado. Defende a incorporação dos problemas do cotidiano ao currículo e a interligação dos saberes.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Os recursos da Web 2.0 permitem que qualquer usuário trabalhe com o mesmo material e com vários usuários simultaneamente, em qualquer lugar do mundo e permite maior interação. Como o universo digital sempre apresentou interatividade, o reforço desta característica seria um movimento natural e, por isso, não daria à tendência o título de "a segunda geração". O número de sites e serviços que exploram esta tendência vem crescendo e ganhando cada vez mais adeptos.

Fazendo um link com o pensamento de Raquel Recuero (2011) percebemos que, a ideia da utilização de estrutura das conexões que ela apresenta, interfere diretamente na centralidade do indivíduo na internet como mediador no processo de construção do conhecimento. Quanto mais a pessoa esteja bem posicionada na rede, em relação aos demais, com mais contatos diretos, ela poderá ocupar a posição de destaque que emerge do próprio grupo social. A autora refere-se ao capital social como um elemento importante para a qualidade das conexões.

6. *Reconstruindo a prática pedagógica: redimensionando o papel do professor*

A relação professor/aluno/tecnologia no contexto da aprendizagem contribui para colocar o aluno como sujeito ativo nesse processo e para o desenvolvimento de competências, habilidades e atitudes. A possibilidade do estudante de interagir com seus pares abrange aspectos sociais e cognitivos através de uma relação dialógica na construção do conhecimento.

De forma geral podemos dizer que aplicativos como blogs, wikis e redes de relacionamento como Facebook, Orkut, Google Docs, Podcasts, MySpace, *Skype*, listas de discussões, seus principais representantes, são ferramentas disponíveis na web, que servem como forma de aproximar o conhecimento dos que querem adquiri-lo. Não existem mais barreiras para estudantes que desejam aprender sobre um tema, cujo maior especialista no assunto esteja do outro lado mundo. Essa comunicação pode acontecer via *Skype*, direto para a sala de aula, ou ainda direto para o computador pessoal de cada aluno/professor dentro de casa, e esse é apenas um dentre os inúmeros meios de estabelecer contato independente das barreiras físicas.

O livro didático, algum texto ou apresentação que o professor traga para aula, não será o único material de apoio utilizado na escola. O li-

vro se amplia através de vídeos no *You Tube* com apresentações disponibilizadas no *SlideShare*, artigos on-line, simulações, museus virtuais, *SecondLife* em diversos portais da web, etc.

7. A contribuição da tecnologia como estratégia de aprendizagem para a leitura e escrita

Apresentamos algumas ferramentas tecnológicas que o professor de língua portuguesa pode utilizar pedagogicamente para o desenvolvimento da leitura e da escrita.

7.1. O hipertexto

A abertura do espaço hipertextual amplia as ações do professor de língua portuguesa no ambiente de aprendizagem. O professor tem uma série de possibilidades para propor a construção hipertextual que pode ser a partir de um tema, uma poesia, um fato interessante, uma notícia de jornal, com a possibilidade de ainda integrar imagens, fotos, gráficos e sons ao texto. A liberdade de criação, da leitura, da escrita possibilita maior exploração sobre determinado tema para uma produção textual compartilhada.

Conforme Lucia Santaella (2004) o texto digital, por princípio, quebra a linearidade, marca principal do hipertexto, a qual se acentua no ambiente informatizado com uso de múltiplas mídias, bem como os mais diversos tipos de *link*. Do ponto de vista técnico, o hipertexto significa a passagem da linearidade da escrita para a sensibilização de espaços dinâmicos. Assim, construção do conhecimento já não é mais produto unilateral de seres humanos isolados, mas resultado de uma vasta cooperação cognitiva distribuída, da qual participam vários estudantes. Isso implica modificações profundas na forma criativa de atividades intelectuais.

Para Pierre Lévy

Os dispositivos hipertextuais nas redes digitais desterritorializaram o texto. Fizeram emergir um texto sem fronteiras nítidas, sem interioridade definível. Não há mais um texto, discernível e individualizável, mas apenas texto, assim como não há uma água e uma areia, mas apenas água e areia. (LÉVY, 1998, p. 48)

Uma rede de saberes e conhecimentos, com o recurso da tecnologia, oportuniza a construção do hipertexto quando os alunos têm a possi-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

bilidade de se posicionar sobre determinado tema proposto, de acordo com o seu conhecimento, suas reflexões, sua vivência, seus valores. Cada aluno tem a liberdade de criar refletir, permitindo o desenvolvimento cognitivo do aluno e sua autonomia, portanto, o hipertexto desenvolve também o pensamento criativo.

Nessa nova forma de trabalhar o texto o professor também é desafiado a mudar sua maneira de ensinar, ele assume a postura de gestor ou mediador da aprendizagem, além disso, há necessidade de maior interação aluno/professor. Para tanto, é preciso que o professor vislumbre a importância de incorporar novas práticas pedagógicas e esteja disposto a avançar nos seus estudos em programas de educação e tecnologia.

7.2. Uso de vídeos em educação



Segundo João Mattar, os vídeos têm sido cada vez mais utilizados como recurso pedagógico. O uso de vídeos respeita as teorias dos estilos de aprendizagem e das múltiplas inteligências: alunos aprendem melhor quando são submetidos a estímulos visuais e sonoros, em comparação com uma educação baseada somente em textos. Os vídeos são utilizados para enriquecer aulas presenciais e em educação a distância; os professores podem produzir vídeos, assim como os próprios alunos, como atividades de criação.

A produção de vídeos pelos próprios alunos representa uma forma interessante de aprendizagem e de compartilhamento de conteúdos, além de desenvolver a criatividade, quando pesquisam on-line para selecionar imagens e músicas. Os vídeos servem também como instrumento para

registrar o progresso dos alunos em atividades, dentre várias outras aplicações.

O YouTube, por exemplo, agrega vídeos que podem ser compartilhados e usados em sala de aula como um recurso tecnológico interessante e motivador.

7.3. Google docs



O Google Docs é uma ferramenta que permite a criação textual compartilhada unindo uma ou várias disciplinas, conforme o tema proposto, facilitando a construção do conhecimento em rede com saberes de diferentes áreas do conhecimento, configurando a interdisciplinaridade. Ele permite aos usuários criar e editar documentos online ao mesmo tempo colaborando em tempo real com outros usuários.

As redes de compartilhamento funcionam como estruturas cognitivas interativas pelo fato de terem características hipertextuais. Os estudantes conseguem situar-se no interior de ecologias cognitivas e o conhecimento passa a acontecer sob a forma daquilo que Pierre Lévy (2001) denomina inteligência coletiva. O conhecimento coletivo, fruto do compartilhamento de conhecimentos individuais, representa algo maior do que a soma desses conhecimentos em separado.

O professor de língua portuguesa pode propor uma tarefa que envolva a produção textual no ambiente colaborativo de aprendizagem a partir de uma matéria de revista ou jornal, de uma poesia, de uma música, uma pintura, um estudo de caso, ou seja, o Google Docs apresenta inú-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

meras possibilidades. Portanto, é uma ferramenta de fácil aplicação que pode se incluída nas práticas educativas proporcionando maior diversidade de estratégia comunicativa.

7.4. Blog



Podemos utilizar os blogs como um meio pelo qual o aluno pode livremente recriar, reinventar e até criar novas ideias baseadas no que é tratado em sala de aula. Essa ideia é corroborada pela visão da aprendizagem introspectiva, isto é, a que ocorre efetivamente de dentro para fora, excluindo a crença de que o aprender se dá verticalmente só pela introdução de informações e o trabalho estéril das mesmas.

Tanto professores quanto alunos dispõem de uma série de recursos ao utilizar os blogs como ferramenta de apoio. Os professores podem propor atividades envolvendo uma produção textual que devem ser postadas nos blogs a fim de disponibilizar o conteúdo produzido, como também sugerir uma atividade livre onde cada aluno poderá postar um trabalho nesse espaço utilizando-se de algum recurso multimídia. Portanto, constitui um espaço de integração, de intercâmbio, de debate de portfólio digital, ou seja, ele apresenta várias vertentes de caráter pedagógico.

Para João Mattar:

A facilidade na criação e na publicação, na possibilidade de construção coletiva e o potencial de interação, inclusive com leitores desconhecidos, tor-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

naram o blog uma ferramenta pedagógica importante na educação contemporânea. (MATTAR, 2012, p. 99)

Os alunos têm mais liberdade e até facilidade de criação e aprendem não somente com o professor, mas com seus colegas através do exercício de criação. Os professores conseguem maior flexibilidade ao elaborar trabalhos e têm de posse uma série de opções que são utilizadas para trazer informação, gerar um debate e fazer com que os alunos trabalhem e recriem o tema proposto.

O blog possibilita:

- despertar o gosto pela leitura e escrita;
- compartilhar conhecimentos;
- desenvolver a criatividade;
- dar uma voz própria aos alunos;
- dar visibilidade ao seu trabalho;
- dar uma visão mais ampla do mundo real
- conhecer outras culturas

7.5. FLICKR



O *Flickr* é um dos componentes da Web 2.0 que hospeda imagens, desenhos, ilustrações fotografias e sua característica é a possibilidade de armazenamento de suas fotografias que ficam disponibilizadas para diferentes locais do mundo.

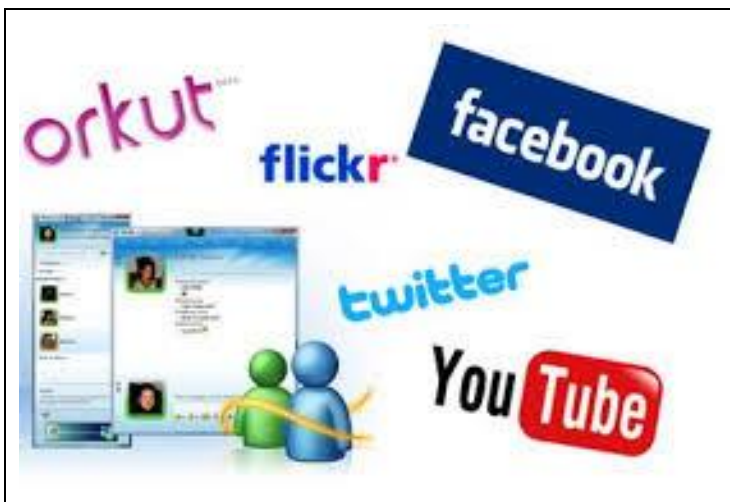
O *Flickr* é, provavelmente, o melhor aplicativo online de gerenciamento e compartilhamento de imagens e tem dois objetivos principais

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

ajudar as pessoas a disponibilizar fotos e permitir novas maneiras de organizar as fotos e vídeos. É considerado um dos componentes mais interessantes da Web 2.0, devido ao nível de interatividade permitido aos usuários. O site adota o popular sistema de categorização de arquivos por meio de *tags* (*etiquetas*)

Conforme Lucia Santaella (2007), essas imagens são voláteis, líquidas, enviadas pelas redes, cruzam os ares, ubíquas, ocupando muitos lugares ao mesmo tempo. Ou seja, o observador já não se locomove para ir à foto, pelo contrário, ela viaja até o observador.

7.6. Redes de relacionamento



Observa-se uma explosão de seguidores das redes sociais como sistema complexo, não linear nos últimos tempos com já vinham sinalizando pensadores contemporâneos como Manuel Castells (2001), Pierre Lévy (2001), Edgar Morin (2000), João Mattar (2007), Raquel Recuero (2011).

Raquel Recuero (2011) propõe a pensar as redes sociais na Internet reconhecendo-as justamente como agrupamentos complexos instituídos por interações sociais apoiadas em tecnologias digitais de comunicação. A autora acrescenta ainda que:

Uma das primeiras mudanças importantes detectadas pela comunicação mediada por computador nas relações sociais é a transformação da noção de localidade geográfica das relações sociais, embora a Internet não tenha sido a primeira responsável por essa transformação. (RECUERO, 2011, p. 135)

Para a autora a rede centra-se em atores sociais, de diferentes lugares, ou seja, é formada por indivíduos com interesses, aspirações que têm um papel ativo na formação de suas conexões sociais.

Um dos elementos mais importantes para o estudo das redes sociais na educação como o Facebook, Orkut, Twitter, é a verificação dos valores construídos nesses ambientes uma vez que esses sites possibilitam maior visibilidade aos atores sociais e auxiliam no compartilhamento de informações, a troca de textos, músicas fotos, e vídeos por meio da conexão com usuários de diferentes lugares.

Conforme o pensamento de João Mattar:

Hoje é possível construir redes sociais a distância, em que várias pessoas interagem, síncrona ou assincronamente. As novas gerações crescem, convivem, comunicam-se, estudam e trabalham em rede. Nessas redes, o conhecimento é aberto e colaborativo, e os usuários não são mais concebidos apenas como recipientes passivos, mas também simultaneamente como produtores e desenvolvedores de conteúdo. (MATTAR, 2012, p. 82)

A utilização das redes sociais digitais nesse compartilhamento de conhecimentos pode fazer com que seja alcançada uma educação de qualidade como a sociedade espera, ou seja, um novo tempo, um novo espaço e outras maneiras de pensar e fazer educação são exigidos no mundo contemporâneo.

O Facebook, por exemplo, é uma rede social que atualmente tem muitos seguidores e oferece uma enorme possibilidade para estender a aprendizagem fora da sala de aula de forma colaborativa quando bem aproveitada pelos professores. Se bem utilizada constitui uma importante ferramenta de aprendizagem on-line, interativa, para o desenvolvimento da leitura e da produção textual. Os alunos têm a oportunidade de compartilhar comentários, trocar informações, além de possibilitar o trabalho em projetos colaborativos como, por exemplo, a pesquisa.

Presencia-se no Facebook o crescimento de grupos fechados formados com assuntos diversificados de acordo com o interesse de cada um. É uma forma de participar de debates que possibilitam ao estudante uma visão mais abrangente e interessante da informação e ao mesmo tempo oportunizam o trabalho de temas transversais, tais como: arte e poesia, planeta sustentável, mídias sociais e educação, educação e eco-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

nomia, arte moderna, música clássica, espaço cultura, educação e tecnologia, entre outros.

8. Conclusão

Diante do exposto concluímos que é preciso redesenhar as matrizes curriculares dos cursos de formação de professores de língua portuguesa introduzindo conhecimentos capazes de redefinir o papel do professor no atual contexto da educação, propiciando condições para a expansão dos recursos informáticos nas instituições escolares para melhor adequar o ensino à nova realidade. Ou seja, significa reinventar a prática cotidiana do professor para melhor se adaptar à evolução que está ocorrendo nos processos pedagógicos e na da forma de se trabalhar os conteúdos recorrendo, para tal, a novas formulações pedagógicas.

Percebe-se um descompasso entre a multiplicidade e a velocidade das mudanças tecnológicas e sociais e o ritmo das mudanças profundas no processo educacional. Essas constatações evidenciam a necessidade de se repensar o curso de formação de professores de língua portuguesa sobre bases totalmente novas, ou seja, é fundamental o desenvolvimento de competências, habilidades e instrumentos necessários ao exercício docente para vencer os desafios da educação contemporânea, objeto deste estudo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, Terry; DRON, Jon. *Três gerações de pedagogia da educação a distância*. Trad.: João Mattar. São Paulo: PUC.

_____. *Connectivism: A learning theory for the digital age*, 12 de dezembro de 2004. Disponível em: <<http://www.elearnspace.org/Articles/connectivism.htm>>. Acesso em: 21-03-2012.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em redes*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

DOWNES, Stephen. *An Introduction to Connective Knowledge*, 22-12-2005. Disponível em: <<http://www.downes.ca/post/33034>>. Acesso em: 21-03-2012.

FILATRO, Andrea. *Design instrucional contextualizado: educação e tecnologia*. São Paulo: SENAC, 2004.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. *O que é o Virtual?* São Paulo: Editora 34, 1994.

_____. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. São Paulo: Editora 34, 2001.

HOLMBERG, Borges. Guided Didactic Conversation in Distance Education. In: SEWART, David; KEEGAN, Desmond; HOLMBERG, Börge. (Orgs). *Distance Education: international perspectives*. London: Croom Helm; Nova York: St. Martin's, 1983.

KEEGAN, Desmond. On Defining Distance Education. In: SEWART, David; KEEGAN, Desmond; HOLMBERG, Börge. (Orgs). *Distance Education: international perspectives*. Londres: Groom Helm; Nova York: St. Martin's, 1983.

GOULART, Íris Barbosa. *A educação na perspectiva construtivista*. Petrópolis: Vozes, 1998.

GROSSI, Esther Pillar. *Construtivismo pós-piagetiano*. Petrópolis: Vozes, 1995.

KOFFKA, Kurt. *Princípios da psicologia da Gestalt*. São Paulo: Cultrix/USP, 1975.

MATTAR, João. *Tutoria e interação em educação a distância*. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

_____; VALENTE, Carlos. *Second Life e Web 2.0 na educação: o potencial revolucionário das novas tecnologias*. São Paulo: Novatec, 2007.

MATUI, Jiron. *Construtivismo*. São Paulo: Moderna, 1995.

MIZUKAMI, Maria da Graça. *Ensino: as abordagens do processo*. São Paulo: Epu, 2001.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários a educação do futuro*. São Paulo: Cortez, 2000

MOORE, Michael G.; KEARSLEY, Greg. *Distance Education: a systems view*. Belmont, California: Wadsworth, 1996.

MOSCOVICI, Serge. *Representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

MOTA, José Carlos. *Da Web 2.0 ao E-Learning 2.0: Aprender na rede*. 2009. Dissertação (Mestrado em pedagogia do e-learning). – Universidade Aberta. Disponível em:

<http://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/1381/1/web20_e-learning20_aprender_na_rede.pdf>. Acesso em: 18-03-2012.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. *Vygotsky – Aprendizado e desenvolvimento: Um processo sócio-histórico*. São Paulo: Scipione, 1995.

PIAGET, Jean. *A formação do símbolo na criança*. Rio de Janeiro: LTC, 1990.

_____. *A construção do real na criança*. São Paulo: Ática, 2003.

_____. *A linguagem e o pensamento da criança*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

RECUERO, Raquel. *Redes sociais na internet*. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

SANTAELLA, Lucia. *A ecologia pluralista da comunicação: conectividade, mobilidade, ubiquidade*. São Paulo: Paulus, 2010.

_____. *Navegar no ciberespaço*. O perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004.

SKINNER, Burrhus Frederic. *Ciência e comportamento humano*. Brasília: Universidade de Brasília, 1970.

SIEMENS, George. *Aprendizagem e conhecimento em redes: mudar os papéis para educadores e designers*. Papel 105: Universidade da Geórgia IT Forum, 2008. Disponível em:

<<http://it.coe.UGA.edu/itforum/Paper105/Siemens.pdf>>.

THORNDIKE, Edward. *Educational Psychology: The Psychology of Learning*. New York: Teachers College Press, 1913.

WADSWORTH, Barry J. *Inteligência e afetividade da criança na teoria de Piaget*. São Paulo: Pioneira, 1997.